

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

O acesso ao conhecimento... e a ética

Serão as pessoas com mais literacia tendencialmente as mais éticas?



Tiago Marcos

De uma forma geral, tendemos a pensar que quanto mais conhecimento uma pessoa tem, mais informada está e, como tal, mais facilmente consegue distinguir aquilo que é correto daquilo que é errado e irá agir de forma ética em sociedade... Mas será mesmo assim? Será que podemos afirmar que as pessoas com mais literacia são tendencialmente as mais éticas?

Antes de mais, é importante refletirmos sobre o acesso a informação/conhecimento que, felizmente, é cada vez mais generalizado por todo o mundo, mesmo em países com menores índices de desenvolvimento, o que é uma boa notícia considerando que este acesso é considerado um direito humano fundamental. A aplicação prática deste direito pode tomar diversas formas e que se traduzem, por exemplo, no acesso aos diversos graus de ensino, à internet, a livros, a jornais / revistas, ou mesmo à televisão.

De facto, e através de uma simples pesquisa num motor de busca da internet, conseguimos obter indicadores desta tendência crescente. Assim, e apenas pesquisando informação para Portugal, identificamos dados empíricos de diversas fontes, tais como:

- A taxa de analfabetismo nacional ser já inferior a 5%, tendo reduzido para cerca de metade da verificável no início do presente século;

- 70% da população nacional aceder já regularmente à internet, tendo crescido cerca de 10 vezes desde o início do século XXI; ou,
- 22% da população nacional ter já formação superior, dado que duplicou na última década.

Desta forma, e não obstante os indicadores para Portugal serem apresentados como estando muito abaixo da média verificável para a União Europeia ou para a OCDE, eles espelham a evolução verificável no que respeita ao acesso ao conhecimento. Esta evolução tem especial relevância nas gerações mais novas que cresceram em conjunto com a referida tendência.

Ainda assim, e considerando o teor da presente crónica, importa questionarmo-nos qual o impacto desta evolução para os temas da ética... Será que podemos afirmar que as pessoas com mais literacia são tendencialmente as mais éticas?

Como indicador para a resposta à questão colocada, podemos considerar alguns dos interessantes resultados do estudo sobre a fraude que foi realizado e recentemente publicado pela EY (o Fraud Survey 2017 considerou entrevistas realizadas em 41 países, incluindo Portugal), tais como:

- 73% dos entrevistados, que podem ser categorizados como trabalhadores por conta de outrem com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, ainda conseguem justificar comportamentos não éticos para ajudar um negócio a sobreviver;
- 25% dos mesmos entrevistados ainda conseguem justificar a realização de pagamentos indevidos para manter ou ganhar negócio; ou,
- 49% dos mesmos entrevistados

acreditam que os seus colegas estariam dispostos a agir de forma não ética para garantir a sua progressão profissional.

Ainda mais interessante é o facto de o estudo referir que a referida geração, com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (e que cresceu em conjunto com a difusão do conhecimento), ser a que mais propensão tem para justificar comportamentos menos éticos, seja para ajudar um negócio a sobreviver, para cumprir objetivos, ou para garantir uma progressão profissional.

Logo, e apesar de este estudo poder apenas ser considerado como indicativo pelas suas características, parece indiciar não existir uma relação entre uma maior literacia, ou um maior acesso a informação, e uma maior tendência para a existência de comportamentos éticos. No limite, aparenta mesmo indiciar que as gerações que historicamente apresentam um maior grau de literacia, i.e., as que cresceram em conjunto com a difusão do conhecimento, são aquelas que conseguem mais frequentemente justificar comportamentos não éticos...

Na verdade, estes indicadores parecem-me ser suficientemente preocupantes para que a sociedade reflita sobre os mesmos e sobre os valores que estão a ser adotados para a sociedade de amanhã, que previsivelmente será uma sociedade de conhecimento.

